



CLÁSSICOS DA REFORMA

JOÃO CALVINO

— • —
UMA COLETÂNEA DE ESCRITOS


VIDA NOVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SUMÁRIO

TRÊS ■ Pequeno tratado da santa ceia de nosso Senhor

Jesus Cristo: no qual se demonstram sua verdadeira instituição, seu proveito e sua utilidade, com a razão por que vários autores modernos parecem ter

- [PREFÁCIO À SÉRIE CLÁSSICOS DA REFORMA](#)
- [INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO](#)

PREFÁCIO À SÉRIE CLÁSSICOS DA REFORMA

Adfontes. O mesmo lema que motivou os reformadores e humanistas a retornar às fontes originais da teologia e da tradição clássica é o que motivou a tradução desta série de escritos seletos da Reforma. Para contribuir para o amadurecimento da reflexão teológica e fazer avançar a causa do evangelho em nosso tempo, é imprescindível que os protestantes voltem “às fontes” do pensamento reformador. Foi com esse objetivo em mente que idealizamos a série *Clássicos da Reforma*.

A coleção vem disponibilizar aos interessados na teologia protestante uma seleção representativa de textos dos principais expoentes da Reforma do século 16. Lutero, Melâncton, Calvino e Zuínglio são apenas alguns dos pensadores cujos escritos, na maioria inéditos em português, contemplaremos. Publicados em latim, alemão, francês ou inglês, os escritos dos pioneiros da Reforma ficam muitas vezes acessíveis apenas a um pequeno grupo de especialistas.

Mais do que comemorar os quinhentos anos do movimento que transformou profundamente a igreja cristã, queremos com estas publicações proporcionar aos leitores de língua portuguesa a oportunidade de consultar em primeira mão textos que estão esquecidos por grande parte dos cristãos protestantes de nossas terras. Mais do que um olhar nostálgico ao passado, essas traduções representam um resgate dos princípios que até hoje movem os herdeiros da Reforma em todo o mundo.

Versando sobre hermenêutica bíblica, teologia sistemática, culto público, devoção pessoal, política, educação, entre outros assuntos, cada volume buscará incluir temas centrais que marcaram o labor teológico de cada reformador retratado na coleção.

Esperamos contribuir para que a valiosa herança protestante enriqueça a cada leitor. Esses volumes deverão não só satisfazer a curiosidade intelectual dos leitores, mas também proporcionar deleite espiritual aos que de coração se dedicarem às verdades evangélicas neles expressas com tanta sabedoria e autoridade.

Boa leitura!

Os Editores

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA

A propagação do calvinismo foi incomum. Em contraste com o catolicismo, que se manteve pela força militar e civil, e com o lute-ranismo, que sobreviveu por tornar-se uma religião de políticos, o calvinismo tinha, em geral, apenas sua coerência lógica e sua fidelidade às Escrituras. Em uma geração, ele se propagou pela Europa.

— CHARLES MILLER¹

As igrejas reformadas de ambos os hemisférios são o monumento de Calvino, mais duradouro que o mármore.

— PHILIP SCHAFF²

Já há algumas décadas que a teologia reformada vem sendo descoberta com entusiasmo em solo brasileiro. Não digo que não houvesse um pensamento reformado anteriormente. Havia. Em geral, porém, aprendido de segunda mão. Às vezes por mãos coerentes no conteúdo que transmitiam, outras vezes, ainda que não por má-fé, nem tanto.

A presença do protestantismo no Brasil de forma contínua remonta aos anos de 1810. De lá para cá ele se expandiu, sem “rios de sangue” nem “perseguições oficiais”.³ No Brasil Império, contou

¹“The spread of Calvinism in Switzerland, Germany, and France”, in: John H. Bratt, org., *The rise and development of Calvinism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 27. ²*History of the Christian church* (Peabody: Hendrickson, 1996), vol. 8, p. 826. ³Veja Boanerges Ribeiro, *O protestantismo no Brasil monárquico* (São Paulo: Pioneira, 1973). Contraste isso com o que houve na França [cf. Jules Michelet, *História da revolução francesa: da queda da Bastilha à festa da Federação* (São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989), p. 51].

até com uma boa condescendência imperial. A partir de meados do século 20, o protestantismo, já bastante amorfo, é verdade, tomou grandes proporções numéricas, embora, ao mesmo tempo, tenha se distanciado de suas origens. Isso certamente ajuda a explicar por que o que há hoje do evangelicalismo brasileiro tenha pouca relação de fato com o protestantismo histórico, dada sua maior associação atual com o misticismo católico romano, com boa dose de religiosidade de terreiros e com certo medievalismo sempre presente em nosso imaginário religioso cheio de superstição, apenas com mudanças de nomenclaturas.

A obra de João Calvino (1509-1564) como principal expoente do pensamento exegético-expositivo-sistemático da Reforma protestante permaneceu durante um século e meio sendo conhecida em nossa língua apenas por fontes secundárias, que por vezes também se basearam em outras fontes secundárias, as quais, mesmo assim, se restringiam mais ao aspecto soteriológico de seu pensamento. Não queremos com isso menosprezar essas contribuições. Na realidade, valorizamos aqueles que por vezes, com muitos esforços, nos brindaram com esclarecimentos bíblicos concernentes a aspectos fundamentais das doutrinas da graça. Lamentamos apenas não termos tido acesso a um conteúdo mais amplo e profundo do pensamento desse reformador durante tanto tempo.

Só em 1985 os escritos de João Calvino começaram a ser publicados em português. Em 31 de outubro daquele ano saíram os dois primeiros volumes de sua principal obra, traduzida diretamente do latim, *As institutas ou tratado da religião cristã*.¹ Em 1989, a obra seria completada com a publicação dos dois últimos volumes — todos traduzidos pelo erudito rev. Waldyr Carvalho Luz (1907-2001). E assim ficamos por alguns anos. Curiosamente, em 1995, veio à lume o primeiro comentário de Calvino em português, traduzido do inglês. Um

trabalho ousado, para o qual alguns torceram o nariz. Afinal, quem se interessaria pelos comentários de Calvino no final do século 20? Que editora era aquela chamada Paracletos que estreava no mercado evangélico? Pois bem, a Paracletos (que depois mudaria seu nome para Parakletos), de propriedade de dois presbíteros da Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil em São Bernardo do Campo, Denivaldo Bahia de Melo e Lauro Benedito

Medeiros da Silva, lançou o *Comentário à Segunda Carta de Paulo aos Coríntios*.⁵ Os dois presbíteros, mesmo sabendo que não teriam lucro, financiaram a publicação da obra, cuja tradução foi feita por aquele que se tornaria, com justa razão, o maior tradutor de Calvino em língua portuguesa e, possivelmente, a pessoa que mais traduziu obras evangélicas para o nosso vernáculo, o rev. Valter Graciano Martins.

O prefaciador do comentário, rev. Alceu Davi Cunha, com uma longa folha de serviços prestados à Igreja Presbiteriana do Brasil, revelava, já de início, a sua satisfação de ver Calvino publicado em nossa língua. Escreveu ele: “Sempre me inquietou o fato de que o grande reformador de Genebra tenha se conservado um pouco distante de nós, brasileiros, pela modesta presença dos seus escritos em nosso vernáculo”.⁶ E, na seqüência, justificou o seu incômodo. A partir desse primeiro volume, o rev. Valter continuaria traduzindo Calvino, sempre de forma intensa e competente. Assim, aos poucos, os comentários iam sendo publicados e encontravam seu espaço nas livrarias, bibliotecas de seminários, faculdades de teologia, estantes de pastores, seminaristas e crentes em geral. O reconhecimento veio enfim. Em anos recentes, a Editora Fiel abarcou esse projeto, contando com a valiosa colaboração do rev. Valter, conferindo-lhe uma dimensão mais ampla, com maiores recursos e com o mesmo nobre ideal que lhe é intrínseco.

João Calvino, *Comentário à Segunda Carta de Paulo aos Coríntios* (São Paulo: Paracletos, 1995).

⁶**Ibidem, p. 5.**

As *institutas* tiveram outras edições, entre as quais uma tradução do francês da edição de 1541,¹ e obras menores foram publicadas. Biografias de Calvino mais atualizadas também se juntaram às já existentes, e, assim, ainda que reste muito por fazer, os ventos são outros e podemos observar pelo Brasil afora um interesse vivido pela teologia reformada e pelo pensamento de João Calvino. Desse modo, aos poucos torna-se possível desfazer a ideia corrente, especialmente depois do Sínodo de Dort (1618-1619), de que a teologia de Calvino restringe-se apenas à doutrina da predestinação, que sem dúvida é um ponto importante em seus escritos, mas não seu ponto principal. O pensamento de Calvino é muito mais amplo do

que isso. E o que o leitor poderá conferir ao ler diretamente o próprio reformador.

Edições Vida Nova, que há tantas décadas presta um serviço de grande relevância ao público evangélico brasileiro, mais uma vez vem contribuir de forma marcante com a publicação dessa coletânea de textos de João Calvino, alguns dos quais inéditos em nossa língua. Dito isso, falemos um pouco sobre sua vida e obra, sem deter em demasia o leitor do contato direto com a pena primorosa do autor.

A formação de Calvino

Calvino foi, sem dúvida, o principal arquiteto da tradição reformada. Vejamos como isso se deu, começando do início. João Calvino nasceu na França, em 10 de julho de 1509, em Noyon, Picardia, sendo o segundo filho de uma família de cinco irmãos. Seu pai, Gérard Cauvin, era de origem humilde; sua mãe, Jeanne Lefranc, uma senhora piedosa, proveniente de família abastada, morreu quando Calvino tinha 6 anos. Como Gérard era secretário apostólico de Charles de Hangest — bispo de Noyon — e procurador fiscal do município, sua família mantinha íntimas relações com as famílias nobres da região,

‘As institutas da religião cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa, tradução de Odayr Olivetti (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.

sendo ele próprio um ambicioso visionário que procurou encaminhar a educação de seus filhos da melhor maneira possível, usando todos os meios e recursos de que dispunha. Ainda criança, em 29 de maio de 1521, Calvino recebeu um benefício eclesiástico na catedral, capelania de La Gésine, que ajudaria a custear as despesas de sua educação, então, não raro, um privilégio.

No entanto, Calvino recebeu a educação primária juntamente com as crianças da nobre família de Hangest. Foi ali que aprendeu e adquiriu modos refinados próprios da nobreza que lhe permitiriam posteriormente transitar com polidez em todos os meios sociais. Além de ter aulas com

professores particulares, Calvino estudou na mesma escola dos filhos dos nobres de sua cidade, o Colégio de Capeto.

Posteriormente, em agosto de 1523, Calvino, acompanhado de alguns amigos, filhos de nobres de sua terra natal, foi para Paris, onde recebeu treinamento para o sacerdócio, estudando alguns meses no Collège de la Marche (Humanidades e Latim), e teve como mestre o grande humanista Maturinus Corderius.

Já em 1524, Calvino foi para uma escola menos requintada em seus costumes, mais dura em sua disciplina e de orientação escolástica: o Collège de Montaigu (Gramática, Filosofia e Teologia), por onde também passaram Erasmo de Roterdã e Rabelais. Lá estudou sob a direção de um mestre espanhol muito competente, Antonio Coronel, com quem Calvino fez grandes progressos, destacando-se entre os colegas no estudo da gramática. Nesse período, ao que parece, Calvino foi também grandemente influenciado por outro de seus professores, que havia retornado a Montaigu, o escocês John Major (ou Jean Mair). Major, que era nominalista ao seu modo, tentou fazer uma síntese entre o nominalismo e o realismo. Foi ele quem instruiu Calvino na filosofia e lógica medieval, bem como na teologia bíblica e patrística. Assim, Calvino concluiu sua licenciatura em Artes, preparando-se para o curso de Teologia.

Nesse período, deu-se algo curioso. Em fevereiro de 1528, Inácio de Loyola ingressou na mesma faculdade e estudou com o mesmo professor.

Todos esses jovens — Erasmo, Calvino e Loyola — foram formados lendo, entre outras obras piedosas, aquela atribuída ao místico Thomas à Kempis (c. 1380-1471), *Imitação de Cristo*, que, mesmo sem ser citada, parece ter influenciado a formação de Calvino, destacando-se, ainda que não exclusivamente, *As institutas* (III.7-10) e a *Verdadeira vida cristã*.

Ainda em 1528, após a conclusão do curso de Artes, deu-se algo inusitado na história do reformador: devido a uma disputa de seu pai com os clérigos de Noyon (assunto ainda não esclarecido satisfatoriamente), Gérard resolveu enviar seu filho para a conceituada e concorrida Universidade de Orléans, de cunho mais humanista. Ali, Calvino se dedicaria ao estudo de Direito civil, sob a influência do conceituado jurista Pierre LÉtoile,

cognominado “rei da jurisprudência” e “príncipe dos juristas”, que posteriormente se tornaria presidente do Tribunal do Parlamento em Paris. Calvino, ao que parece, ficou impressionado com a erudição de L'Étoile (Petrus Stella) e teve a oportunidade de substituir em sala alguns de seus professores, inclusive o próprio L'Étoile, que o convidara primeiro.

Como Calvino resolveu deixar a universidade antes de completar os estudos, a academia — em reconhecimento aos seus serviços prestados — resolveu por voto unânime de seus professores conferir a ele o grau de bacharel em Direito (*licencie' en lois*) sem cobrar-lhe as taxas habituais; no entanto, não há consenso sobre a aceitação do título por parte de Calvino.

A fim de aperfeiçoar-se e certamente atraído pelo famoso humanista e mestre de Direito, o italiano Andreas Alciati, um jurista de grande competência, Calvino foi para a Universidade de Bourges, onde estudou no período de 1529 a 1531. Foi nessa instituição, fundada em 1463 por Luís XI e que fizera grande investimento para atrair professores renomados, que ele deu continuidade a seus estudos com Alciati e Melchior Wolmar, a quem conhecera em Orléans.

Com a morte de seu pai (ocorrida em 1529 ou 1531), Calvino retornou a Paris para continuar seus estudos literários, aperfeiçoar

seus conhecimentos de grego com o professor Pierre Danès e aprender hebraico (1531-1533) com François Vatable, passando a residir no Colégio Fortet.

O próprio Calvino descreveria de forma sumária sua infância e parte de sua mocidade:

Quando era ainda bem pequeno, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, tal prospecto o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado do estudo de filosofia e encaminhado aos estudos da jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência a meu pai; mas Deus, pela secreta providência, finalmente deu uma direção diferente ao meu curso.²

Quanto à sua atuação em capelania, Calvino recebeu outro encargo: o curato de Saint-Martin de Martheville (em setembro de 1527). Em 30 de abril de 1529, Calvino resignou a capelania de La Gesine em favor do irmão mais jovem, Antoine e, em 5 de julho de 1529, trocou o cargo de Saint-Martin pelo da aldeia de Pont-fEvêque, local de nascimento de seu pai.

Quando um de seus amigos, o humanista Nicolás Cop, foi eleito reitor da Universidade de Paris, Calvino possivelmente o ajudou a preparar seu discurso, que foi lido na Igreja dos Maturinos, como de costume, no dia 1.º de novembro de 1533. Nesse discurso, propunha-se uma reforma na igreja. A resposta foi imediata: Cop e Calvino tiveram de fugir de Paris. Cop voltou à sua terra natal, Basiléia, e Calvino percorreu outras cidades francesas. Em 1534, Calvino completaria 25 anos, idade legal para ser ordenado. Aquele era o momento de assumir de fato sua fé e ofício. Assim, em 4 de maio de 1534, voltou a

Noyon e renunciou aos benefícios eclesiásticos. As perseguições então se intensificaram. Novamente, Calvino teve de retomar suas peregrinações, passando por Paris, Angoulême, Poitiers e ficando algum tempo na Itália, Estrasburgo e Basiléia, em 1535. Como fica evidente, nesse ínterim, Calvino havia se convertido ao protestantismo. A questão é: como e quando?

A conversão de Calvino

Na verdade, o Senhor chama eficazmente só os eleitos.

— JOÃO CALVINO³

Não nos é possível precisar as circunstâncias e data da “súbita conversão” de Calvino, contudo as evidências apontam para um período entre 1532 e 1534 — portanto, na época em que esteve em Orléans ou Paris.

Acredita-se que seu primo Olivetan — ainda que não isoladamente — teve participação importante em sua conversão ao protestantismo. Félice chega a afirmar que “a Bíblia que recebeu das mãos de um de seus parentes, Pedro

Roberto Olivetan, o arrebatou do catolicismo”.⁴ Lembremo-nos de que Calvino não foi muito pródigo ao falar da sua vida.

No que se refere à sua conversão, em 1539, numa carta dirigida ao cardeal Sadoletto, ele disse:

Contrariado com a novidade, eu ouvia com muita má vontade e, no início, confesso, resisti com energia e irritação; porque (tal é a firmeza ou descaramento com que é natural aos homens resistir no caminho que outrora tomaram) foi com a maior dificuldade que fui

induzido a confessar que, por toda minha vida, eu estivera na ignorância e no erro.¹¹

Na introdução do seu comentário de Salmos, escrito em 1557, Calvino deixou registrado:

Inicialmente, visto eu me achar tão obstinadamente devotado às superstições do papado para que pudesse desvencilhar-me com facilidade de tão profundo abismo de lama, Deus, por um ato súbito de conversão,¹² subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias do que se poderia esperar de mim naquele primeiro período de minha vida.¹³

Também na citada carta ao cardeal, Calvino descreveu suas angústias espirituais no romanismo, resultantes do que a Igreja pregava. No entanto, em nenhum momento Calvino menciona o instrumento humano usado por Deus para convertê-lo.

A Bíblia francesa, de 1535, traduzida por Pierre Robert — apelidado de “Olivetanus”, daí Olivetan —, primo de Calvino, foi a primeira tradução protestante francesa das Escrituras, feita a pedido e às expensas dos valdenses, que gastaram na impressão a quantia de mil e quinhentos escudos. O Novo Testamento, editado também em 1535, teve a revisão e o prefácio de Calvino, que recebeu como título: ***Epístola a todos os que amam a Jesus Cristo e a seu evangelho***.¹⁴ Temos aí

¹¹Juan [João] Calvino, *Respuesta al cardenal Sadoleto*, 4. ed. (Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1990), p. 63; John Calvin [João Calvino], *Tracts and treatises on the Reformation of the church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1958), vol. 1, p. 62.

¹²Esse ato “súbito” não precisa ser entendido necessariamente como algo “repentino”. Pode indicar também algo “não premeditado” [cf. Timothy George, *Teologia dos reformadores* (São Paulo: Vida Nova, 1994), p. 174],

’ ’Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, p. 38.

¹⁴Veja “Prefácio”, in: *João Calvino: textos escolhidos*, edição de Eduardo Galasso Faria (São Paulo: Pendão Real, 2008), p. 13-30.

o primeiro testemunho público de Calvino que indica a sua conversão ao protestantismo. Mais tarde, quando a tradução foi completada, envolvendo também o Antigo Testamento, em 1546, Calvino fez uma nova revisão da tradução e escreveu o segundo prefácio.¹³

A teologia de Calvino

A verdadeira piedade consiste em um zelo puro e verdadeiro, que ama a Deus totalmente como Pai, o reverencia verdadeiramente como Senhor, abraça a sua justiça e teme ofendê-lo mais do que a própria morte.

— JOÃO CALVINO^{5 6}

Algo que chama a atenção na teologia de Calvino, expressa em sua ampla e profícua obra, composta por sermões, cartas, comentários, tratados e *As institutas*, é seu apego às Escrituras. Ele amava a Bíblia. A Escritura não constituía para ele um livro qualquer, sem relevância, muito menos estava no mesmo nível de outras obras que ele mesmo apreciava. Não. A Escritura é um livro único e singular. Tem-se ali a Palavra de Deus para o homem em todas as épocas e para todas as suas necessidades.

Na Escritura, Calvino aprendeu sobre a soberania de Deus. Ele aprendeu que o Senhor é sobre todas as coisas. A Escritura é o cetro de Deus por meio do qual ele governa e rege a igreja.⁷ Surge daí a necessidade de usá-la como fonte de leitura, meditação, ensino e pregação, de forma fiel, perseverante e sistemática. E por meio da Palavra que se é instruído, corrigido e governado. Ela deve ser o manual de

vida e culto do cristão.⁸ A piedade começa pela instrução fornecida por meio da Escritura.⁹ Calvino, incansavelmente, domingo após domingo, expunha a Escritura à sua congregação porque cria no poder da Palavra. Estava convencido de que é por meio dela que Deus opera no coração do homem.¹⁰

A pregação é o meio estabelecido por Deus para conduzir o seu povo; portanto, essa é a responsabilidade da igreja na condição de mensageira e ouvinte: “Devemos entender que Jesus Cristo deseja governar sua igreja mediante a pregação de sua Palavra, à qual nós devemos dar toda a devida reverência”.¹¹

No segundo semestre de 1559, após a exposição do livro de Daniel, Calvino, como sempre, encerrou sua preleção orando da seguinte forma:

Deus Todo-Poderoso, visto que sempre e de maneira desgraçada nos perdemos em nossos pensamentos e, quando tentamos te adorar, não fazemos nada a não ser profanar a pura e verdadeira adoração de Tua divindade e somos mais facilmente levados a superstições depravadas,

permite, pois, que permaneçamos na obediência pura da Tua Palavra e nunca nos desviemos para lado algum.²²

Calvino permanece como um dos homens mais influentes do mundo ocidental. Todavia, pode-se dizer que, proporcionalmente, é pouco estudado. Temos em geral caricaturas sobre ele, que, de maneira leviana, são repetidas e estigmatizadas em menções e comentários maldosamente superficiais.²³ Escapar de um clichê histórico-teológico é especialmente difícil.

Como vimos, Calvino não foi pródigo em falar de sua vida pessoal. Quanto a sua piedade pessoal, a questão é a mesma. Podemos extrair de seus ensinamentos alguns de seus princípios e achar aqui e ali algo que reflita sua prática devocional, mas não algo sistemático. O reformador não se especializou em falar de suas experiências, fossem quais fossem os pretextos. Não era seu estilo aproveitar as oportunidades para falar de si ou de suas experiências espirituais com o fim suposto de ajudar a igreja. Ele simplesmente expunha e aplicava o texto bíblico ou, quando trabalhava mais sistematicamente (*As institutas*, catecismos etc.), apresentava a doutrina. O fundamento de sua prática era sua compreensão hermenêutica.

Em sua carta dedicatória, dirigida a seu amigo de Basileia, Simon Grynaeus, a quem chama de “homem dotado de excelentes virtudes”²⁴ e com quem discutira alguns anos antes sobre a melhor maneira de interpretar as Escrituras, Calvino concluiu, conforme também pensava Grynaeus, que “a lúcida brevidade constituía a peculiar virtude de um bom intérprete. Visto que quase a única tarefa do intérprete é

■[^]Calvino, *O profeta Daniel: 1—6*, vol. 1 (Dn 3.2-7), p. 195.

²³Veja alguns exemplos mencionados e rejeitados por Alister E. McGrath, *A vida de João Calvino*, tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), p. 127ss.

²⁴Antigo professor de grego em Heidelberg (1524-1529) e, posteriormente, de grego (1529) e teologia (1536) na Basileia.

penetrar fundo a mente do escritor a quem deseja interpretar, o mesmo erra seu alvo ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor”.²¹ Anos mais tarde, já em 1546, escreveria: não aprecio as interpretações que são

mais engenhosas do que sadias”.²⁶

A clareza² e a brevidade recomendadas por Calvino, mais do que virtudes, constituíam para ele princípios decisivos de exegese. Mesmo tendo consciência de que o “mundo” prefere aqueles que torcem o sentido literal

do texto, fazendo alegorias²⁸ em vez de expor o genuíno sentido da passagem, Calvino optou por uma interpretação que considerava ser a única verdadeiramente bíblica, visto que, para ele, “o genuíno significado da Escritura é único, natural e simples”.²⁹ Daí a importância de entender o sentido das palavras³⁰ e o contexto histórico³¹ ou “circunstância” da passagem.³² Afirma ele: “Quando passagens da Escritura são escolhidas ao acaso, e não se dá atenção ao contexto, não é de estranhar que surjam erros em toda a parte”.³³ Calvino sustentava que competia ao intérprete entender o que o autor quis dizer e o seu propósito. Ele exemplificou isso ao comentar o salmo 8. Ap ós falar sobre três possibilidades de interpretação de determinada

■ ‘“Dedicatória”, in: Calvino, *Exposição de Romanos* (São Paulo: Paracletos, 1997), p. 19.

²⁶Calvino, *Exposição de ICoríntios* (São Paulo: Paracletos, 1996), ICo 15.29, p. 472.

²“Tenho almejado clareza mais do que elegância” [Calvino, *Gálatas* (São Paulo: Paracletos, 1998), G1 4.24, p. 141].

²⁸Calvino considera a interpretação alegórica o “mais danoso erro”. Veja Calvino, *Exposição de 2Coríntios*, 2Co 3.6), p. 65-9.

²⁹Calvino, *Gálatas*, G1 4.22, p. 140.

³⁰Cf. Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 18.5,8, p. 363-4, 368-9.

³¹Cf. Juan [João] Calvino, *Institution*, IV.16.23.

²Cf. Calvino, *As institutas*, III.17.14.

³³John Calvin [João Calvino], *Calvins commentaries: commentary on the book of the prophet Isaiah* (Grand Rapids: Baker, 1996), vol. 7, Is 14.12, p. 442.

palavra hebraica, concluiu: “O elemento primordial a ser apreendido é no que tange ao conteúdo do salmo e ao que ele visa”.³⁴ Cal vino se insere, portanto, no método histórico-gramatical-teológico. Assim, o que norteia seus comentários é a “brevidade na interpretação”. Pois bem, foi sob essa bandeira que Calvino comentou Romanos, guiado também por uma singular acuidade hermenêutica e exegética que lhe permitiram interpretar e traduzir textos complexos com clareza, simplicidade e fidelidade textual,⁰ não deixando de, por vezes, confessar a sua ignorância;³⁶ reconhecer como não destituída de fundamento uma posição diferente da sua;³⁷ deixar a critério do leitor a escolha da melhor interpretação apresentada;³⁸ deixar a questão indecisa;³⁹ seguir a interpretação tradicional,⁴⁰ de outros intérpretes,⁴¹

³⁴Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 8, p. 156-7.

Veja, por exemplo, Calvino, *As institutas*, 1.9.3; II.2.8; II.8.8.

' Por exemplo, John Calvin [João Calvino], *Calvins commentaries: commentary upon the Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Baker, 1981), vol. 18, At 1.11, p. 54; Calvino, *Exposição de ICorintios*, ICo 11.31, p. 345; *Exposição de Hebreus*, Hb 7.8, p. 183; *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 6, introdução; 6.4; SI 8, introdução, p. 123,128,156; *As pastorais* (São Paulo: Paracletos, 1998), ITm 2.1, p. 55; 2Tm 1.3-5, p. 200.

Essa ignorância adquire, em muitos casos, a conotação de “douta” (veja João, *As institutas*,

III .21.2; III.23.8).

³⁷Calvino, *Exposição de Romanos*, Rm 5.15, p. 192; Rm 16.21, p. 523-4; *Exposição de 1 Coríntios*, ICo 12.28, p. 390-1; *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 4, p. 89; 12.8, p. 260.

³⁸Cf. Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 5.7, p. 113-4; SI 6, p. 122; SI 12.7, p. 258; *O Livro dos Salmos* (São Paulo: Paracletos, 1999), vol. 2, SI 45, p. 305; SI 48.4-6, p. 357; SI 48.13, p. 367; SI 50.17-20, p. 415; *O Evangelho segundo João* (São José dos Campos: Fiel, 2015), vol. 2, Jo 14.31, p. 114; *Exposição de ICorintios*, ICo 1.26,27, p. 67; ICo 4.6, p.

133; ICo 14.6, p. 412-3; *Efésios* (São Paulo: Paracletos, 1998), Ef 3.4, p. 85; Ef 4.18, p. 135-6; *As pastorais*, 2Tm 1.3, p. 197-8.

³⁹Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 3, SI 78.66, p. 242.

•“Ibidem, vol. 1, SI 7.11, p. 148; SI 14.1, p. 272; SI 15.4, p. 295; SI 56.1, p. 494. ⁴¹ Cf. Calvino, *Exposição de Romanos*, Rm 12.6, p. 431; *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 25.1, p. 538; SI 30.4, p. 628-9; vol. 2, SI 42.5, p. 264; SI 51.5, p. 430; SI 68.1, p. 641; SI 68.9,10, p. 648; vol. 3, SI 73.10, p. 101; *As pastorais*, 2Tm 2.14, p. 233.

e uma pessoal;¹² não ter opinião formada por achar a questão irrelevante;¹³ ou admitir ter mudado de opinião.^{14 15}

Para Calvino, a doutrina estava relacionada à nossa vida. A doutrina é para ser crida, vivida e ensinada. Por isso, quando disse que “o tesouro da sã doutrina é inestimável, e nada há para temer mais do que o risco de perdê-lo”,⁴¹ não estava teorizando ou simplesmente fazendo uma abstração; ela é a vida da igreja e a fonte de crescimento dos filhos de Deus. “A doutrina é a mãe pela qual Deus nos gera.”¹⁶ Daí a sua afirmação: “O evangelho não é uma doutrina de língua, senão de vida. Não pode assimilar-se somente por meio da razão e da memória, senão que chega a compreender-se de forma total quando ele possui toda a alma e penetra no mais íntimo recesso do coração. [...] Os cristãos deveriam detestar aqueles que têm o evangelho em seus lábios, porém não em seus corações”.¹⁷ Em seu comentário de Salmos 92.9, que trata do poder e cuidado que Deus tem com os seus, Calvino apresenta o conforto dessa doutrina, acrescentando: “Com isso nos ensina que a mera doutrina geral é algo tépido e insatisfatório, e que cada um de nós deve utilizá-la particularmente para si, na persuasão de que pertencemos ao número dos filhos de Deus”.¹⁸ Por isso a sua orientação: “Aquele que não tenta ensinar com o intuito de beneficiar não pode ensinar corretamente; por mais que faça boa

apresentação, a doutrinação não será sã, a menos que cuide para que seja proveitosa a seus ouvintes”.⁴¹

Não deixa de ser instrutivo e revelador o fato de Calvino, na edição final *de As institutas*, em 1559), ter tratado da doutrina da eleição depois de um longo capítulo sobre a oração, o qual, sozinho, é maior do que os quatro dedicados à doutrina da eleição.³⁰

Em 7 de julho de 1553, Calvino escreveu mais uma carta aos “prisoneiros de Lyon” que aguardavam condenação por terem aderido à Reforma protestante. Sua mensagem dirigia-se, em especial, a dois deles: Denis Pelloquin de Blois e Louis de Marsac. A certa altura, registrou:

Meus irmãos [...], estejam certos de que Deus, que se manifesta em tempos de necessidade e aperfeiçoa Sua força em nossa fraqueza, não os deixará desprovidos daquilo que poderosamente glorificará o Seu nome. [...] E, como vocês sabem, temos resistido firmemente às abominações do Papado, a menos que nós renunciássemos ao Filho de Deus, que nos comprou para Si mesmo pelo precioso preço. Meditem, igualmente, naquela glória celestial e imortalidade para as quais nós somos chamados, e é certo de alcançar pela Cruz — por infâmia e morte. De fato, para a razão humana é estranho que os filhos de Deus sejam tão intensamente afligidos, enquanto os ímpios divertem-se em prazeres; porém, ainda mais, que os escravos de Satanás esmaguem-nos sob seus pés, como diríamos, e triunfem sobre nós. Contudo, temos meios de confortar-nos em todas as nossas misérias, buscando aquela solução feliz que está prometida para nós, que Ele não apenas nos libertará mediante Seus anjos, mas pessoalmente

⁴⁹Calvino, *Íp pastorais*, ITm 6.3, p. 165.

⁵⁰Veja Calvino, *As institutas*, III.20. Do mesmo modo, no Catecismo de Genebra [*Catecismos de la iglesia reformada* (Buenos Aires: La Aurora, 1962)], das 373 perguntas, Calvino dedica 63 à oração. Assim, também, na *Instrução na fé* (Goiânia: Logos, 2003), uma das seis partes é dedicada à oração.

enxugará as lágrimas de nossos olhos. E, assim, temos todo o direito de desprezar o orgulho desses pobres homens cegos, que para a própria ruína levantam seu ódio contra o céu; e, apesar de não estar neste momento em suas condições, nem por isso deixamos de lutar junto com vocês em oração,

com ansiedade e suave compaixão, como companheiros, percebendo que agradou a nosso Pai celeste, em Sua bondade infinita, unir-nos em um só corpo sob Seu Filho, nossa cabeça. Pelo que eu lhe suplicarei que possa garantir a vocês essa graça; que Ele os conserve sob Sua proteção e lhes dê tal segurança disso que possam estar aptos a desprezar tudo o que é deste mundo. Meus irmãos os saúdam mui afetuosamente, e assim também muitos outros.

Seu irmão, João Calvino.³¹

Louis de Marsac, na prisão, respondeu-lhe:

Senhor e irmão, não consigo expressar o grande conforto que recebi [...] da carta que você enviou para meu irmão, Denis Peloquin, que passou-a a um de nossos irmãos que estavam numa cela abobadada acima de mim e leu-a para mim em voz alta, porque eu não pude lê-la por mim mesmo, sendo incapaz de ver qualquer coisa em meu calabouço. Então, eu lhe peço que persevere nos ajudando com semelhante consolação, pois isso nos convida a chorar e orar.³²

De fato, “para fazer o coração dos santos rejubilar-se, o favor divino é o único sobejamente suficiente”.³³

Outro ponto importante na teologia de Calvino diz respeito à posição fundamental que ela ocupa na tomada de decisões. Com toda

⁵¹John Calvin [João Calvino], “Letters”, in: *To the prisoners of Lyon*, John Calvin Collection (CD-ROM), n. 320.

^{S2}Calvino atendeu à solicitação e, em 22 de agosto de 1553, escreveu-lhes novamente. Veja John Calvin [João Calvino], “Letters”, in: *To Denis Peloquin and Louis de Marsache* > John Calvin Collection (CD-ROM) (Albany: Ages Software, 1998), n. 323. ^vCalvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 2, SI 48.2, p. 355.

CLÁSSICOS DA REFORMA

Nos quinhentos anos da Reforma protestante. Vida Nova tem a satisfação de presentear seu público com a série **Clássicos da Reforma** que reúne em cada volume escritos significativos de cada um dos principais reformadores. Cada volume traz uma introdução escrita por um professor brasileiro.

A série vem disponibilizar aos interessados na teologia protestante uma seleção representativa de textos dos principais expoentes da Reforma do século 16. Lutero. Melâncton. Calvino e Zuínglio são apenas alguns dos pensadores cujos escritos, na maioria inéditos em português, serão contemplados.

Neste volume, traduzimos diretamente dos originais franceses, seis obras importantíssimas não apenas na Reforma protestante do século 16. mas na história do pensamento cristão. São elas:

- Epístola ao cristianíssimo Francisco, primeiro desse nome. rei de França: na qual se demonstram as causas dos problemas que ocorrem hoje na igreja (1535)
- João Calvino ao Cardeal Jacó Sadoletto: resposta à Epístola do cardeal Jacó Sadoletto enviada ao Senado e ao povo de Genebra: pela qual ele trata de sujeitá-los ao poder do bispo de Roma (1539)
- Pequeno tratado da santa ceia de nosso Senhor Jesus Cristo: no qual se demonstram sua verdadeira instituição, seu proveito e sua utilidade, com a razão por que vários autores modernos parecem ter escrito diferentemente (1540)
- Tratado das relíquias (1543)
- Desculpas de João Calvino aos senhores nicodemitas. que se queixam de seu excessivo rigor (1544)
- Sobre os escândalos que hoje impedem muitos de alcançar a pura doutrina do evangelho e desviam outros (1550)



Q vidanova.com.br O /vidanovaedicoes O @edicoesvidanova

ISBN: 978-85-275-0733-2

9 788527 507332

1

São Paulo: Cultura Cristã, 1985, 2 vols.

2

Calvino, *O Livro dos Salmos* (São Paulo: Paracletos, 1999), vol. 1, p. 37-8.

3

***Exposição de Hebreus* (São Paulo: Paracletos, 1997), Hb 6.4, p. 153.**

4

G. de Félice, *História dos protestantes da França* (São Paulo: Typographia International, 1888), p. 51. Provavelmente, a “Bíblia” mencionada por Félice é a edição do Novo Testamento de 1534.

5

Ibidem, p. 31-6.

6

***Instrução na fé* (Goiânia: Logos, 2003), cap. 2, p. 12.**

7

'Veja Calvino, *As institutas da religião cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, iv. 15, p. 116.

8

“Os reformadores queriam que a Bíblia lançasse raízes profundas na vida das pessoas que foram chamadas para servir. A Palavra de Deus não devia ser apenas lida, estudada, traduzida, memorizada e usada para meditação; ela também devia ser incorporada à vida e à adoração na igreja. A concretização da Bíblia foi muito claramente expressa no ministério de pregação, que recebeu nova preeminência na adoração e na teologia das tradições da Reforma” [Timothy George, *Lendo as Escrituras com os reformadores: como a Bíblia assumiu o papel central na Reforma religiosa do século XVI*, tradução de Vagner Barbosa (São Paulo: Cultura Cristã, 2015), p. 181].

9

“A piedade está sempre fundamentada no conhecimento do verdadeiro Deus; e isso requer ensino” [Calvino, *O profeta Daniel: 1—6* (São Paulo: Parakletos, 2000), vol. 1 (Dn 3.28), p. 225].

10

Veja T. H. L. Parker, *Calvins preaching* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992), p. 79.

11

Calvino, *Beatitudes: sermões sobre as Bem-Aventuranças* (São Paulo: Fonte Editorial, 2008), p. 77.

12

Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 17.7, p. 336; SI 30.12, p. 638-9; vol. 2, SI 31.3, p. 13; SI 36, p.120; SI 38, p. 175; SI 41.1, p. 242; *As pastorais*, 2Tm 1.6, p. 2012; 2Tm 1.13, p. 214-5; 2Tm 2.15, p. 234.

[13](#)

Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 1, SI 7, p. 135-6.

[14](#)

Veja, por exemplo, Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, ICo 15.29, p. 472; *Gálatas*, G1 4.25, p. 144.

[15](#)

Calvino, *yí pastorais*, ITm 1.19, p. 50.

[16](#)

Calvino, *Gaiatas*, G1 4.24, p. 141.

[17](#)

John Calvin, [João Calvino], *Golden booklet of the true Christian life*, 6. ed. (Grand Rapids: Baker, 1977), p. 17. Veja, também, João Calvino, *As institutas da religião cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, iv.17, p. 181-2.

[18](#)

Calvino, *O Livro dos Salmos*, vol. 3, SI 92.11, p. 469.